

Mulheres e produção das ciências no Brasil: a contribuição da antropóloga Berta Gleizer Ribeiro

Women and the production of science in Brazil: the contribution of anthropologist Berta Gleizer Ribeiro

HAYDÉE RIBEIRO COELHO E YOLANDA LIMA LÔBO

Os artigos deste volume, dedicados à antropóloga Berta Gleizer Ribeiro, somam-se a outras reflexões sobre sua vida e obra apresentadas em eventos ocorridos em sua homenagem por ocasião de seu centenário, em 2024.

Primeiramente, cabe-nos salientar que, a partir de estudos realizados por pesquisadores em universidades, museus, fundações e arquivos do Brasil — universidades federais do Rio de Janeiro (UFRJ), de Minas Gerais (UFMG), do Amazonas (Ufam), de Alagoas (Ufal) e de Pernambuco (UFPE); Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf); Arquivo Nacional (AN); Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Fundação Darcy Ribeiro (Fundar) —, os artigos aqui reunidos apresentam a antropóloga situando-a em seu quadro histórico e teórico. Para isso, focalizam a trajetória biográfica sob a perspectiva da história das ciências sociais no Brasil. Nessa vertente, acrescenta-se a inserção de Berta no âmbito do pensamento sobre a presença feminina no campo da ciência. Outros artigos abordam a relevância da produção de Berta para a arqueologia brasileira e sua contribuição para a antropologia brasileira no século XX, focando aspectos como cultura material, arte visual e uso social da tecnologia indígena e sua colaboração no processo editorial do livro *Antes o mundo não existia* da autoria de Umúsin Panlôn Kumu (Firmino Arantes Lana) e Tolamãñ Kenhíri (Luiz Gomes Lana), de etnia desana.

Os temas dos artigos evidenciados, de forma sucinta, apontam para a evocação de duas indagações que estão presentes em *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*, da autoria de Patrice Bonnewitz. Neste livro, os dois primeiros capítulos são intitulados, respectivamente, com as seguintes perguntas: “Como se tornar um ‘grande sociólogo?’” e

“Como permanecer sociólogo?”

Trazendo para o campo da antropologia em que Berta atuou, acreditamos que é possível nos valermos dos questionamentos apresentados para o delineamento das seções desse número. Na primeira, os três primeiros artigos contemplam a trajetória biográfica e a filiação teórica. Os textos subsequentes, ao tratarem de abordagens críticas que mostram interseções com diferentes áreas do conhecimento além da sociologia, da antropologia e da etnologia — mostrando uma visão que transcende o campo disciplinar a que pertenceu Berta Ribeiro —, sinalizam para o que consideramos como segunda seção. Esses momentos de ruptura e de protagonismo de Berta Gleizer Ribeiro estão presentes em vários textos aqui divulgados e por isso são instigantes e estimulam novas pesquisas, novas formas de aproximações da obra e do pensamento de Berta Ribeiro.

Isso posto, os textos, que passamos a comentar de forma específica, abrem veredas que se entrecruzam e, ao mesmo tempo, outras trilhas, acrescentando perspectivas críticas àquelas já existentes sobre a obra da intelectual brasileira, como se observa pela leitura dos artigos e pelos comentários decalcados deles, conforme o que se segue.

A instigante entrevista do etnólogo e antropólogo Renato Athias, concedida à professora Yolanda Lima Lôbo, testemunha uma história da vida e do pensamento de Berta que se entrecruza com suas memórias, atestando a importância dessa modalidade discursiva para a pesquisa acadêmica.

A professora, pesquisadora, escritora e jornalista Ana Arruda Callado (UFRJ) apresentou a vida de Berta “como uma longa viagem à procura de uma família”. O trabalho se inicia com a referência ao seu nascimento (1924), na “cidade de Beltz, na Bessarábia, região que então estava anexada à Romênia”, e conclui com a narração de sua morte e sepultamento. Para a construção do caminho proposto, a autora vale-se de referências bibliográficas, registros orais, correspondência publicada e dedicatória registrada em livro de Berta, entre outras textualidades.

O artigo escrito pela pesquisadora e historiadora Rachel de Almeida Viana (Fiocruz), ao situar a antropóloga em diferentes momentos históricos — chegada ao Brasil; “sua formação, sua inserção profissional e a conformação de sua agenda de pesquisa” e aquele relacionado ao diálogo de Berta “com intelectuais, com os campos de saber científico e as redes científicas” —, buscou entender “a construção do perfil intelectual da personagem à luz da história das ciências sociais no Brasil”. Para isso, analisou *O índio na cultura brasileira* e *Amazônia urgente* bem como tratou da “literatura disponível sobre sua trajetória” e das

“conexões estabelecidas com redes de cientistas sociais e antropólogos”.

Por sua vez, o professor e pesquisador Igor Moraes Mariano Rodrigues (Ufopa) e a professora e pesquisadora Fabíola Andréa Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo), em respectivo estudo, tratam da “importância da produção intelectual de Berta para a arqueologia brasileira”. Demonstraram “o quanto [a antropóloga] estava atenta às produções arqueológicas de seu tempo, tanto no que se refere aos estudos de tecnologias perecíveis, como no que tange à construção de histórias indígenas e às perspectivas ecológicas desses povos da floresta, especialmente no que se refere aos seus conhecimentos agroflorestais”. Em consonância com o tema abordado, desenvolveram as seções “Um breve panorama histórico das aproximações e distanciamento entre antropologia e arqueologia no Brasil”; “Berta Ribeiro e o diálogo entre antropologia e arqueologia” e, por fim, “Berta Ribeiro e o conceito de estilo tecnológico no estudo das tecnologias perecíveis.”

Já a historiadora e pesquisadora Maria Elizabeth Brêa Monteiro (Arquivo Nacional) insere, inicialmente, Berta no âmbito da reflexão sobre a presença feminina no campo da ciência e, especificamente, no campo da antropologia. Ao focalizar Berta como “uma antropóloga múltipla”, põe em evidência sua longa trajetória profissional documentada em arquivo que se encontra no “Memorial Darcy Ribeiro”. Assinala seu pioneirismo, “ao situar a cultura material no mesmo patamar de importância de outros temas historicamente privilegiados pela etnologia como parentesco, organização social, religião”. Comenta diferentes obras da antropóloga bem como premiações recebidas. Destaca, ainda, o engajamento de Berta na academia e em “entidades da sociedade civil organizada”.

A professora, historiadora e pesquisadora Bianca Luiza Freire de Castro França (Unirio) dedicou-se à “contribuição de Berta Gleizer Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX”, tendo como foco “cultura material, arte visual e uso social da tecnologia indígena”. Para abordar esses aspectos, discorreu, primeiramente, sobre a atuação de Berta “em diversos campos do conhecimento” (antropologia, museologia, arqueologia, etnobiografia e história) e sobre os caminhos de Darcy Ribeiro e Berta, unidos pelas relações de afeto e pela antropologia. Em seguida, apresentou a trajetória da autora do *Diário do Xingu*, centrando-se nos temas associados “às artes da vida indígena”, à “cultura material dos indígenas brasileiros” e às “artes visuais”. Na última seção, que antecedeu suas “reflexões finais sobre o legado de Berta”, fez considerações sobre ecologia e adaptabilidade humana na obra da antropóloga.

A professora e pesquisadora Ananda Nehmy de Almeida (doutora em Teoria da

Literatura e Literatura Comparada pela UFMG e professora na Rede Pública Estadual de Minas Gerais), para explicitar o processo de edição de *Antes o mundo não existia* (1980), “de autoria dos indígenas de etnia desana” Firmino Arantes Lana e Luiz Gomes Lana com a colaboração fundamental de Berta Ribeiro, evidenciou que houve “etapas de tradução, transcrição e textualização do relato mítico”. Ao se valer dos arquivos de Berta alocados no Memorial Darcy Ribeiro, consultou documentos que foram de extrema importância para seu trabalho, como a correspondência entre Berta e os padres salaesianos Casimiro Bėkšta e Franz Knobloch. Para a execução de seu estudo, além das correspondências, foram analisados o livro de Berta *Os índios das águas pretas* (1995); a “entrevista concedida pelo padre Casimiro Bėkšta, em 1978”, e os artigos “Lungo il canaboris (Storia de una missione)” e “The Aharaibu indians: a ‘white’ tribe in the Amazon”, do padre Franz Knobloch.

A professora e pesquisadora Haydée Ribeiro Coelho (UFMG) escreve a resenha sobre *Diário do Xingu* (1979), em a que a antropóloga relatou sua viagem para o Parque do Xingu, em 8 de agosto de 1977, cujo deslocamento teve como objetivo “estudar a cestaria dos índios xinguanos e também das tribos que entraram mais recentemente na área: principalmente os Kayabí e Txicão, ver como são feitos, de que material, como são usados e a significação dos desenhos” (Ribeiro, 1979, p. 42). Esse trecho retirado do livro e, em destaque, na resenha mostra a complexidade da pesquisa de Berta e seus vários meandros.

Como informa a equipe editorial da revista Terceiro Milênio, o presente volume contém, ainda, duas produções de tema livre, sendo um artigo e uma resenha. O artigo, intitulado “As críticas de Celso Furtado às interpretações da economia ortodoxa sobre crescimento econômico e desenvolvimento”, é de autoria de Vanessa F. Jurgensfeld (Unesp). Já a resenha, que aborda o livro “*Reinventando o Estado de bem-estar: plataformas digitais e políticas públicas*”, de Ursula Huws, é assinada por Thalita Barreto Sarlo (doutoranda em Sociologia Política pela Uenf).

Haydée Ribeiro Coelho é professora do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG.

Yolanda Lima Lôbo é professora aposentada do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF, representando, na organização do dossiê, a Fundação Darcy Ribeiro, parceira na criação de Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política.

Ambas contribuíram igualmente na organização do dossiê e aqui figuram em ordem alfabética.